

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE AGRONOMIA  
CURSO DE AGRONOMIA  
AGR99006 - DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Larissa Jacobsen da Rocha  
00274465**

**“Ovelhas, lã, Pampa e o desenvolvimento rural: assunto de  
mulher”**

PORTO ALEGRE, Julho de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE AGRONOMIA  
CURSO DE AGRONOMIA

**“Ovelhas, Iã, Pampa e o desenvolvimento rural: assunto de mulher”**

**Larissa Jacobsen da Rocha**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Engenheira Agrônoma, Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Supervisor de campo do Estágio: Régis Luiz Marques Colares, Médico Veterinário.  
Orientadora Acadêmica do Estágio: Flávia Charão Marques, Professora, Dra.<sup>a</sup>  
Desenvolvimento Rural, Faculdade de Agronomia da UFRGS.

Co-orientadora Acadêmico do Estágio: Luna Dalla Rosa Carvalho, Mestre Antropologia Social, Doutoranda em Desenvolvimento Rural, PGDR-UFRGS.

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**

Prof. Pedro Selbach (Departamento de Solos) (Coordenador)

Prof. Clesio Gianello (Departamento de Solos)

Prof. Alexandre Kessler (Departamento de Zootecnia)

Prof. José Antônio Martinelli (Departamento de Fitossanidade)

Prof. Sérgio Tomasini (Departamento de Horticultura e Silvicultura)

Profa. Renata Pereira da Cruz (Departamento de Plantas de Lavoura)

Profa. Carine Simione (Departamento de Plantas Forrageiras e Agrometeorologia)

PORTO ALEGRE, Julho de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à existência da universidade pública brasileira, e por ter conseguido adentrar por suas portas, conquista que parecia impossível para mim. Agora, grata por estar dando início ao meu “Rito de Passá”, esse ritual que encerra, comemora e inicia novos ciclos.

Meu agradecimento, em especial, para a agricultura que me ensinou muito sobre plantar, criar, colher e que alimentava meu sonho de estudar e representar a história de tantas mulheres que, como ela, crescidas na zona rural e analfabetas, nunca tiveram a possibilidade de serem ouvidas, minha vovó Armanda Jacobsen Nickel (*in memoriam*).

Também, estendo meu agradecimento às pessoas intimamente ligadas a mim: meus pais, por todo apoio incondicional aos meus sonhos, amor e compreensão neste longo período. Todas as andanças de carroça para me levar nas paradas de ônibus, todas as vezes que lhes faltou conhecimento para ajudar nas tarefas, mas sobraram gestos e palavras de apoio, serão para sempre lembrados por mim.

Amigas e amigos, demorado seria citar nome a nome, pois a rede de apoio que me ampara tem muitos rostos. Vocês sabem quem são e sentirão essa gratidão. Entre nós não há partilha de sangue, mas de ideais e paixões.

À minha orientadora, co-orientadora e demais professoras e professores, vocês contribuíram na minha formação profissional e também pessoal e, despertaram em mim a crença na profissão e a esperança de que podemos seguir em resistência neste lado da luta.

À AGrUPa pela oportunidade que me foi concedida. A Vera, pelo acolhimento e paciência durante o período de estágio e pela inspiração que causou dentro dos meus traçados profissionais. Por último, mas tão importante, as artesãs, pecuaristas e agricultoras/os com quem tive o prazer de trabalhar e trocar saberes em todo o meu período de curso, e também aos que virão.

## RESUMO

Apresenta-se, neste trabalho, as experiências e conhecimentos obtidos a partir do período de estágio vivenciado no município de Bagé, junto a artesãs, pecuaristas e outros grupos sociais, com supervisão e acolhimento dos associados e diretoria da Associação para Grandeza e União das Palmas (AGrUPa). Com a finalidade de identificar as transformações que surgem a partir da organização e dos processos de cooperação que se estabelecem entre estes sujeitos. Foram acompanhados aspectos importantes quanto à produção ovina e desenvolvimento territorial e social em um contexto local em transformação, principalmente no que tange a participação de mulheres e suas contribuições para o manejo dos animais, a valorização do artesanato em lã crua e as formas de cooperação que são estabelecidas entre humanos, animais, plantas nativas e paisagem.

**Palavras chave:** Cooperação; Gênero; Artesanato em lã



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diversidades de ambientes encontrados no distrito de Palmas, Bagé/RS, 2021.....	13
Figura 2 -Oferta de aleitamento complementar para cordeiros fracos e rejeitados pelas ovelhas.....	22
Figura 3- Motor acoplado à roca e ao fundo uma cardadeira elétrica. Bagé/RS, 2021.....	26
Figura 4 - Processo de tingimento natural com plantas e cascas nativas, Lavras do Sul/RS, 2021.....	27
Figura 5 - Oficina de feltragem ministrada pela artesã Clair Schneid, Bagé/RS, 2021.....	28

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Principais produções agropecuárias do município de Bagé/ RS.....	9
-----------------------------------------------------------------------------	---

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL.....	9
3.	CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO.....	11
3.1.	Estância Cordilheira: uma aproximação com a pecuária familiar.....	11
4.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1.	Breve histórico acerca da ovinocultura e a situação atual da comercialização de lã no Rio Grande do Sul.....	14
4.2.	A atualização do artesanato a partir do protagonismo feminino.....	15
4.3.	As potencialidades do desenvolvimento endógeno.....	18
5.	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS E ACOMPANHADAS.....	19
5.1.	Sistema de Produção de Ovinos.....	20
5.1.1.	Cuidados gerais com as ovelhas gestantes.....	20
5.1.2.	Manejos pós parto e cuidado com cordeiros recém nascidos.....	21
5.1.3.	Manejo dos cordeiros e capões.....	23
5.2.	Outros manejos animais.....	23
5.3.	Artesanato em lã.....	24
5.3.1.	Dona Clair: da esquila ao tear.....	24
5.3.2.	Processos de cooperação: da valorização da lã ao fortalecimento da cadeia produtiva de ovinos.....	28
5.4.	Outras atividades.....	29
6.	DISCUSSÃO.....	30
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
10.	APÊNDICE.....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Agronomia propõe-se a discorrer sobre as experiências vivenciadas e realizadas durante o período do estágio curricular obrigatório, entre os meses de julho e novembro de 2021. O estágio foi realizado junto à Associação para Grandeza e União de Palmas (AGrUPa), uma associação de pecuaristas familiares, artesãos, pesquisadores, técnicos e demais atores sociais, sediada no Distrito de Palmas, município de Bagé/RS. A entidade busca organizar os/as pecuaristas e as artesãs em projetos voltados para a ovinocultura, o artesanato em lã e outras atividades. Ultimamente, tem se somado a outras organizações para ‘defender’ a região, a paisagem natural e cultural de empreendimentos que ameaçam o modo de vida local e apresentam riscos ao meio ambiente, além de promover ações para patrimonialização do saber-fazer artesanal em lã.

A ovinocultura e o artesanato em lã são atividades tradicionalmente realizadas na região da Campanha gaúcha, porém, quando vistas a partir do cotidiano das mulheres rurais, percebemos que são acompanhadas de sua desvalorização e invisibilidade. No entanto, há processos de cooperação territorial que buscam contornar esse quadro. A atualização do artesanato passa por um ganho de valor no território, o que parece estar relacionado a um conjunto de circunstâncias que desencadeia certa melhoria das condições de vida da população rural que trabalha com a lã em pequena escala e o artesanato.

Neste sentido, um dos objetivos que guia este trabalho é demonstrar que a participação em associações tem possibilitado que mulheres pecuaristas e artesãs compartilhem e aprimorem suas práticas, criando espaços de convívio, de geração de renda e potencialidade para um desenvolvimento endógeno. Também, se propõe a evidenciar que a atualização e valorização do artesanato em lã têm possibilitado novas viabilidades para a produção ovina e para o produto primário, neste caso, a lã crua.

O trabalho está organizado de modo a apresentar uma caracterização geral da região do estágio, em seguida, são trazidas as informações sobre a entidade que abrigou as atividades desenvolvidas. O referencial teórico é apresentado levando em conta os temas relevantes ao trabalho. Na quinta seção são descritas as atividades

realizadas e acompanhadas. Por fim, há o desenvolvimento de uma discussão e o fechamento com as considerações finais.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Conhecida como a Rainha da Fronteira, o município de Bagé está localizado na bacia do Alto Camaquã, região sudoeste do Rio Grande do Sul. A área territorial é de pouco mais de 4 mil km<sup>2</sup>, sendo que, deste total, aproximadamente 365 mil hectares correspondem a área que é ocupada por 1.127 estabelecimentos agropecuários, segundo o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

No município, as produções agropecuárias mais expressivas, como mostra a tabela 1, compreendem a produção de arroz em casca, soja, milho, melancia e uva. Já, em relação à pecuária, destaca-se a criação de bovinos, em especial bovinos de corte, ovinos e galináceos.

Tabela 1 - Principais produções agropecuárias do município de Bagé/ RS

Produção Agrícola		
Cultura	Área Plantada (ha)	Rendimento médio (kg/ha)
Soja (Grão)	40.000	1.750
Arroz em casca	8.253	7.500
Melancia	400	20.000
Milho	400	1.600
Uva	149	7.168
Pecuária		
Animal	Rebanho efetivo	
Bovinos	224.403	-
Galináceo	24.701	-
Ovino	95.278	-
Equinos	6.382	-

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

O Rio Grande do Sul é responsável por 98% da produção nacional de lã e, em 2021, a quantidade de lã produzida no município de Bagé foi de, aproximadamente,

210 mil quilos. Essa matéria-prima é arraigada de representatividade no estado, por questões econômicas, geográficas, culturais e sociais. Neste sentido, atribui-se à produção de ovinos e de lã valores que extrapolam indicadores puramente econômicos, na medida em que despertam, por exemplo, sentimento de pertencimento, de caracterização e identificação de lugares e de modos de vida localizados.

Do ponto de vista edafoclimático, algumas características gerais podem ser destacadas. Os solos são classificados como Planossolo Háplico Eutrófico Vertissólico (unidade Bagé). Que, de forma geral, são solos imperfeitamente ou mal drenados, com predomínio de argilominerais 2:1 expansivos e com boas condições de fertilidade natural. No entanto, estes solos são difíceis de serem trabalhados devido às características físicas e de drenagem imperfeita, visto que acabam aderindo aos implementos agrícolas quando molhados, tornando-se extremamente duros quando secos. Com isso, e considerando outros fatores, são solos recomendados preferencialmente para utilização com pastagens (STRECK et al., 2008).

O clima da região caracteriza-se como Subtropical ou Temperado (Cfa e Cfb), sempre úmido, com verões quentes e as quatro estações bem definidas (Atlas FEE, 2017). Na última década, o município enfrentou problemas com sucessivas estiagens, levando a períodos de racionamento de água e efeitos negativos nas produções agropecuárias.

Os invernos frios, comparando a outras regiões brasileiras, também fazem parte da identificação das localidades e das formas que os habitantes da região encontraram de viver e isto ultrapassa aspectos que afetam diretamente o meio ambiente e as atividades produtivas, na medida em que influencia o imaginário e a cultura da região. A conformação da paisagem que mescla campos, cerros e formações rochosas singulares também concorre para a caracterização de lugares que despertam atenção dos 'de fora' e laços afetivos entre a população local e os elementos do ambiente que a cercam.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO**

Criada no ano de 2016, a AGrUPa é uma associação de pecuaristas familiares, pesquisadores, técnicos e demais atores sociais. Sediada no Distrito de Palmas, município de Bagé/RS, tem uma forte atuação local e também regional visto que, atualmente, a entidade integra o Conselho Estadual de Direitos Humanos, o Conselho Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa de Bagé e do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã.

Atualmente, a Associação conta com, aproximadamente, quatrocentos associados e é presidida por Vera Colares, funcionária pública aposentada e pecuarista. Juntos, buscam alcançar os objetivos presentes no estatuto que visam: a promoção da cultura, da defesa e da conservação do patrimônio histórico e artístico; a fixação do homem no campo, com atividades de apoio e valorização da atividade rural como meio de vida e da busca da tecnologia aplicada ao trabalho rural; promoção da defesa, preservação e conservação do meio ambiente; e o desenvolvimento sustentável.

A AGrUPa destaca-se pelo trabalho empenhado em organizar os pecuaristas em projetos voltados para a ovinocultura, como um cronograma de cursos de capacitação referentes a práticas de manejo animal e pastagens, e para o artesanato em lã. Também, promove outras atividades que visam defender a região de projetos contrários aos interesses de quem vive na região das Palmas.

#### **3.1 Estância da Cordilheira: uma aproximação com a pecuária familiar**

Visando um período proveitoso de aprendizagem, foi estabelecido entre a entidade, supervisor de campo e orientadora, que seria muito enriquecedor acompanhar o cotidiano de quem reside nas Palmas, a condução, de forma geral, do sistema de produção animal dos associados e outras atividades administrativas, sociais e econômicas que também são realizadas pela Associação. Com isso, durante o período de realização das atividades, foi possível a hospedagem na propriedade de Vera Colares, em sua estância conhecida por Cordilheira.

A Estância de aproximadamente 500 hectares, localizada no Corredor da Lexiguana, no Distrito de Palmas, é administrada por Vera. Durante o período de realização do estágio, mantinha-se um rebanho de 200 ovinos (*Ovis aries*), 100

bovinos (*Bos taurus*) e 60 caprinos (*Capra hircus*) laneiros, além de 4 equinos (*Equus caballus*), 10 suínos (*Sus scrofa domesticus*) e, aproximadamente, 50 aves entre galinhas (*Gallus gallus*), patos (*Anas platyrhynchos*) e gansos (*Anser anser*).

Para auxiliar na execução das tarefas a proprietária conta com apoio de uma equipe composta por três funcionários fixos. Dois deles destinados especialmente para as tarefas de plantio de algumas culturas, como o milho, a mandioca, feijão, e com manejo do gado bovino. Além da contribuição de uma funcionária para auxiliar nas tarefas caracterizadas como “lidas caseiras”, que compreendem o preparo das refeições e demais cuidados com a casa.

Na propriedade da pecuarista, é possível observar a diversidade de ambientes existentes no Pampa, como apontam alguns autores (RIETH e LIMA., 2019) (Figura 1). Há áreas planas, ou “campos limpos”, que apresentam pequenas ondulações, chamadas de coxilhas, e são chamados assim pelos pecuaristas da região em função do predomínio de uma diversidade de gramíneas. Há, também, os “campos banhados”, onde emergem veias d'água que vertem na terra formando áreas úmidas. Mas, a maior parte da área da propriedade é constituída por “campos de pedra” ou “sujos”, tomados por banhados, rios, pedras, perais íngremes e guaritas (formações rochosas específicas que formam pequenas cavernas) que se misturam a uma vegetação herbácea e de gramíneas associada a uma vegetação arbórea de pequeno e médio porte. Embora utilize-se a denominação campos “sujos”, entende-se que são caracterizadas por uma riqueza de fauna e flora.



Figura 1 - Diversidades de ambientes encontrados no distrito de Palmas



Fonte: da autora, Palmas, Bagé, 2021.

Já, em relação à estrutura de produção, a propriedade conta com a frota de maquinários agrícolas. Trata-se de dois tratores, dois reboques, uma semeadora adubadora e um debulhador mecanizado. Quando necessário, também é possível dispor de maquinário que pertence à Associação, especialmente, um trator, um reboque e uma semeadora adubadora a lanço. Basta confirmar a disponibilidade do implemento e solicitar uso junto à direção.

#### **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção, são abordadas as três temáticas que acabaram por se destacar na realização das atividades do estágio. Elas estão descritas na forma de referencial teórico, resumindo discussões de outros(as) autores(as) para que sirvam de embasamento para o desenvolvimento do trabalho e para a reflexão sobre a realidade experimentada. Dentro destas temáticas, há a abordagem do histórico da ovinocultura e a situação atual da comercialização de lã no Rio Grande do Sul, após, aborda-se alguns aspectos acerca da história do artesanato no estado e da participação das mulheres nesta atividade; conclui-se o referencial, apresentando as potencialidades de desenvolvimento a partir do protagonismo das mulheres no saber-fazer artesanal em lã crua.

#### **4.1 Breve histórico acerca da ovinocultura e a situação atual da comercialização de lã no Rio Grande do Sul**

A ovinocultura e o artesanato em lã são atividades tradicionalmente realizadas na região da Campanha Gaúcha. Suas origens remetem ao início da colonização europeia do atual território do Rio Grande do Sul, quando foram introduzidas as primeiras ovelhas nos campos do Pampa (EGGERT et al., 2011 *apud* VARGAS e FIALHO, 2018).

Segundo Alice Teixeira, extensionista rural da Emater<sup>1</sup> da região da Campanha, a primeira raça a adentrar os campos gaúchos foi a raça Merino. Depois vieram algumas raças de carne e acabaram prevalecendo as raças: Corriedale, tanto para produção de carne como a lã, e a Merino, que apresenta uma lã mais especializada, mas é uma ovelha mais frágil para as condições dos campos do Pampa, devido às áreas de muita umidade, e mais difícil de criar. No entanto, quando se iniciou a crise no setor, essa foi a primeira ovelha a ter o rebanho diminuído. Para além destas, também havia pequenos rebanhos da raça Santa Inês e crioula.

A produção de lã a partir dos rebanhos ovinos, por meio da criação de raças laneiras e mistas, foi de extrema importância econômica e contribuiu para certa caracterização social do Pampa. Até a crise da lã, no final dos anos 1980, operava na região um arranjo de cooperativas que era responsável por receber a lã dos produtores e fazer a comercialização (VIANA et al., 2010). As cooperativas atuavam no recebimento da lã e participavam em todas as etapas da criação, acompanhando ovinocultores cooperados, disponibilizando esquiladores e veterinários para atender as demandas. A principal delas era a Cooperativa Bageense de Lãs – Cobagelã. Com sede no município de Bagé, a Cooperativa classificava, enfardava e comercializava, tanto para o mercado interno como para o externo, a lã de um número grande de municípios da Campanha Gaúcha.

No entanto, com os elevados estoques australianos de lã e da intensificação da comercialização de tecidos sintéticos no mercado têxtil internacional a realidade mudou, e o setor encolheu (VIANA et al., 2010). Embora a crise não tenha acabado

---

<sup>1</sup> Durante o estágio foi possível interagir também com profissionais da extensão rural, neste caso, com o Escritório Municipal da EMATER de Lavras do Sul, onde trabalha Alice Teixeira.

definitivamente com a produção e atividade dos lanifícios, hoje, a ovinocultura laneira é muito diferente à de quarenta anos atrás.

Atualmente, a lã de melhor qualidade é exportada, em grande maioria, para o Uruguai, especialmente através de um esquema de comercialização por agentes intermediários, conhecidos na região por “barracas”. As barracas funcionam mais fortemente durante o período de esquila dos animais, que se dá geralmente entre os meses de outubro a dezembro, e são pequenas e médias empresas que compram a lã crua de produtores. A atuação destes intermediários cria uma dinâmica concorrencial em relação às cooperativas e os lanifícios locais, e o valor pago aos ovinocultores acaba desestimulando a produção de lã. Muitos criadores destacam que há dificuldade na garantia de venda da lã crua, em parte, porque o processamento da lã na região é pequeno, limitando a demanda de um mercado interno, o que praticamente obriga que a comercialização se dê a preços baixos através das barracas.

Ainda em território brasileiro, há a atuação de Cooperativas que recebem a lã dos produtores, classificam e comercializam o fio ou a matéria prima para artesãs e outras empresas do ramo têxtil. Uma das empresas citadas pelas artesãs para aquisição dos “tops”, do fio já pronto, foi a Cootegal Tecidos, localizada em Caxias do Sul. Por outro lado, as cooperativas ou lanifícios que processam a lã na região costumam vender os fios apenas em grandes quantidades, o que para as artesãs se torna inviável, uma vez que elas necessitam adquirir pequenas quantidades conforme são demandadas as peças que tecem.

#### **4.2 A atualização do artesanato a partir do protagonismo feminino**

O artesanato em lã possui influência das práticas de tecelagem dos povos indígenas que habitavam o Pampa, como Guaranis, Charruas e Minuanos que eram hábeis trançadores de fibras. Existem registros de que nas missões jesuíticas é possível verificar a existência de teares rústicos (EGGERT et al., 2011 *apud* VARGAS; FIALHO, 2018). Os grupos de imigrantes portugueses quando chegaram à região também passaram a utilizar a lã de ovelha para tecer e criar peças artesanais. Estes possuíam a roca, o fuso e o tear para fazer o fio e tecer. Com o tempo, este foi se constituindo em um trabalho feminino, pela mão das escravas e mulheres jovens para atender as necessidades das estâncias de criação pecuária;

são elas que desenvolvem habilidades e técnicas de fiação e tecelagem, além de contribuírem para a renda das famílias, ainda que estas atividades guardem bastante invisibilidade nas narrativas sobre a região e sobre o povo 'gaúcho' dos pampas. Em todo lugar, principalmente em residências e galpões, até hoje, há peças de lã como boinas, colchas, mantas, ponchos e meias grossas para ajudar na travessia dos invernos. Tudo isso sem contar os baixeiros<sup>2</sup> e outros utensílios da vida campeira. Contudo, estas atividades, que agora chamamos artesanato, atualizam-se no território por meio de distintas trajetórias dos atores em seus encontros com a lã e com o artesanato

A ovinocultura e o artesanato em lã, como comentado anteriormente, sofrem ainda com certa invisibilização e desvalorização quando protagonizadas por mulheres (SÁ BRITO et al., 2009). O modo de vida, costumes ou feitos das mulheres rio-grandenses não são privilegiadas na descrição da história do Rio Grande do Sul. Por outro lado, todas as etapas da produção, dos ovinos à lã, incorporam memória, saberes e afetos que fazem parte do que entendemos como 'mundos de vida pampeanos' (OLIVEIRA, 2019).

Segundo o que indicam os pesquisadores que realizaram o inventário do patrimônio imaterial das lidas campeiras, o Pampa é constituído pelas relações dos seres humanos com os diferentes ambientes, com os artefatos e outros animais; uma paisagem configurada a partir das relações entre humanos e animais (KOSBY e SILVA, 2013; RIETH; LIMA. 2017).<sup>3</sup> Muitas das relações estabelecidas partem dos agenciamentos femininos - capacidades e habilidades surgidas na relação entre as mulheres, e entre elas e o meio onde vivem e atuam (ARCE; CHARÃO-MARQUES, 2021). Desde os campos nativos, entre as plantas que utilizam como chás, corantes naturais; no cuidado com os animais, que lhes ofertam alimento e matéria prima para superar os invernos frios e mantém processos favoráveis à conservação do ambiente em que vivem; até as reuniões em grupos onde discutem suas necessidades, constroem juntas alternativas e partilham seus conhecimentos.

---

<sup>2</sup> Tecido feito em lã grossa que serve para proteger o lombo dos cavalos, são posicionados antes da colocação da sela.

<sup>3</sup> O INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) Lidas Campeiras foi realizado por uma equipe de antropólogos e arqueólogos, em sua maioria ligados ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e teve como objetivo identificar, documentar e construir conhecimento sobre a lida campeira para fins de registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Para saber mais, ver: <<https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira>>

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017), 15 milhões de mulheres vivem na zona rural do País, representando 47,5% dos habitantes da região rural, correspondendo à metade da população do campo. Dessas mulheres, 50% são economicamente ativas, sendo que, no Censo de 2006, 12% dos empreendimentos rurais eram administrados por mulheres e, no ano de 2017, chegou a 19% dos empreendimentos. Estes números ainda são discretos, porém, as lutas das mulheres rurais e o amadurecimento dos processos de organização, somados a alguns esforços de políticas públicas especificamente direcionadas a elas, são contabilizados como avanços e, dentre eles, encontra-se um melhor reconhecimento do trabalho e a ampliação de programas de documentação e aposentadoria. No entanto, para além de avanços no que tange à garantia de cidadania, as transformações vividas por essas mulheres dizem respeito à sua maior presença na vida pública, e também ao seu maior envolvimento na esfera econômica nas famílias, nas comunidades e mesmo em redes mais amplas, o que remete, inclusive, à construção de novas identidades (e.g., mulheres camponesas, ribeirinhas, pescadoras, quilombolas, e outras mais localizadas) (ver WEITZMAN, 2011). As novas experiências vivenciadas pelas mulheres, não raro, ampliam sua autonomia e acabam por promover o que Siliprandi e Cintrão (2011) afirmam ser mudanças no papel social destas mulheres, para além da rotina de trabalho.

São ações importantes que precisam se somar a movimentos já em curso nestes territórios, como o caso de atuação da AGrUPa, que será melhor abordado ao longo deste trabalho. No entanto, por mais que existam iniciativas empreendedoras, essas mulheres rurais ainda estão distanciadas das políticas públicas que possam favorecer a manutenção de seus trabalhos ou o desenvolvimento econômico-social da região (OLIVEIRA, 2019; SÁ BRITO et al., 2009; RIETH; LIMA, 2017). Mas, mesmo com as dificuldades de sobrevivência em lugares mais remotos do Pampa Gaúcho, continuaram a exercer seu trabalho e sua contribuição social, ambiental e econômica.

Para Oliveira (2019), outro ponto importante a ressaltar é que várias dessas artesãs conseguem superar suas próprias barreiras (relações abusivas, a invisibilidade, a falta de acesso a melhores condições de vida e problemas de saúde, como a depressão) e o trabalho com o artesanato em lã as auxilia a ressignificarem suas próprias vidas, tornando as suas produções como uma representação de si

próprias. O artesanato pode ser interpretado aqui como um meio de independência, no momento que elas conseguem perceber suas habilidades e os ganhos adquiridos a partir da paixão pela manipulação da matéria-prima. Ganhos que vão além de aspectos econômicos. Assim, o artesanato se atualiza no tempo conforme as trajetórias de quem produz a matéria prima, de quem se dedica ao artesanato e de quem consome estes produtos.

### **4.3 As potencialidades do desenvolvimento endógeno**

Em muitos lugares no mundo tenta-se reproduzir as mesmas estratégias de mudanças tecnológicas, sem considerar particularidades de cada local. Para Borba (2016), trata-se de estratégias exógenas que, quando restringem o desenvolvimento apenas a uma questão de ciência, tecnologia e economia, podem ser aplicadas de uma forma equivocada e, conseqüentemente, não atingir os objetivos esperados e acabar impactando de forma negativa. Como comentado por Rieth e Lima, 2017, “peão do campo liso não campereia em campo de pedra”. Essa expressão faz referência às particulares de cada espaço e que vão requerer maiores elementos a serem considerados para elaboração de estratégias de atuação.

Após a crise no setor da ovinocultura, comentado anteriormente, muitas famílias foram impactadas pela falta de escoamento da sua produção. O tamanho dos rebanhos diminuiu consideravelmente, assim como os recursos financeiros para investir em produção e, quiçá, para garantir as necessidades básicas de algumas famílias. Algumas alternativas foram apresentadas, como a inserção da soja, por exemplo, que passou a ocupar boa parte dos campos planos e passíveis de serem mecanizados, além de recursos públicos para desenvolvimento das atividades. No entanto, há regiões da campanha, como a região das Palmas, em que os campos são tomados por vegetação e afloramentos rochosos e que não cabe, nem é de interesse de quem reside ali, o cultivo da soja, ficando marginalizados pela atuação do poder público, por exemplo.

Ou seja, são estratégias de desenvolvimento que não consideram os recursos do local e que inibem propostas locais. Durante o estágio foi possível acompanhar a fala de Marcos Borba, veterinário e pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), que reiterou que a lã já não se configura como uma commodity (como foi no passado), perdeu seu lugar no mercado mundial como fruto capital, mas vem ganhando novamente visibilidade como um produto 100%

sustentável e isso deve-se também ao artesanato e seu potencial para o desenvolvimento territorial endógeno.

Como apresentado na pesquisa de Oliveira (2016), o trabalho realizado pelas mulheres pode enriquecer o produto final, ou seja, o artesanato, buscando o acompanhamento de toda a cadeia de produção da lã, unindo a criação de ovelhas com a produção do artesanato em lã e a conservação do bioma Pampa.

Este olhar para o potencial de desenvolvimento a partir da cooperação de artesãs e pecuaristas e do artesanato em lã parte tanto do reconhecimento dos recursos biofísicos (as formas de uso dos recursos naturais, em especial a cobertura vegetal campestre, a diversidade, paisagem, topografia, escala de produção etc..) quanto dos recursos culturais (conhecimentos, solidariedade, processos de cooperação e suas inter-relações), mas, principalmente, a partir de autorreferências, construídas coletivamente pelos atores locais.

A presença das ovelhas neste ambiente, por exemplo, tem sido vista por alguns pesquisadores como parte ativa das transformações que foram ocorrendo e que imprimiram as características atuais dos campos do Pampa. Assim, os campos 'nativos' (naturais) são também resultantes de certas práticas da pecuária, que são, inclusive, defendidas como fundamentais para a conservação do bioma. Em certas áreas, dentro de uma determinada paisagem, a vegetação nativa tem que continuar existindo, seja mato ou seja campo, porque ela é quem protege determinada área e serve para mitigar outros fatores de produção que levem à geração de débitos ambientais. ( CARVALHO; MARASCHIN; NABINGER, 1998).

É assim que as práticas ligadas ao artesanato em lã são tomadas como parte de processos de cooperação, que envolvem experiências vividas pelas artesãs-pecuaristas em meio a transformações territoriais implicadas por contingências relacionadas ao avanço dos monocultivos de eucalipto e da soja, bem como de projetos de intensificação e ampliação da mineração (CARVALHO et al., 2022 - no prelo).

## **5 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS E ACOMPANHADAS**

Nesta seção, são dispostas as experiências vivenciadas durante o período de estágio, tanto aquelas observadas, como as realizadas. Cada subitem descreve um conjunto de atividades que serviram como enriquecimento na formação profissional.

## **5.1 Sistema de Produção de Ovinos**

As propriedades que se dedicam à criação ovina, tanto para consumo como para comercialização, em sua maioria, caracterizam-se por rebanhos de aptidão mista, ou seja, mais de uma finalidade, visando a obtenção de carne e lã. A criação destes animais é feita em campo nativo, variando entre sistemas de produção semi-extensivo e extensivo.

Serão descritos o acompanhamento das atividades, bem como a realização de procedimentos a campo junto à propriedade da pecuarista Vera Collares e de outros associados com quem foi possível manter contato. Cabe salientar que devido ao período em que foi realizado o estágio, não foi possível acompanhar todas as etapas de produção. Havendo assim uma abordagem maior apenas para etapa de parição das ovelhas.

### **5.1.1 Cuidados gerais com as ovelhas gestantes**

O manejo realizado na propriedade contempla, em grande maioria, as recomendações feitas por técnicos e pesquisadores. Os associados e, em especial, a Vera, destacavam o interesse e o comprometimento que mantinham em acompanhar os estudos relacionados ao manejo animal e de pastagens, visto que os consideram essenciais para a produtividade dos rebanhos e da viabilidade econômica das propriedades.

Durante o período de realização das atividades, havia 86 ovelhas prenhes, que foram acasaladas em meados de fevereiro. Para tal, foi relatado pela produtora a realização da avaliação pré-acasalamento das ovelhas, que consistiu na aplicação do vermífugo Ripercol, na dosagem de 1 mL de solução para cada 10 kg de peso corporal, 30 dias antes do acasalamento. Também, nesta fase, foi feita a avaliação do escore de condição corporal, avaliação geral e casqueamento (se refere a aparar os cascos dos animais). O mesmo manejo foi feito com os 4 carneiros reprodutores que são mantidos também na propriedade.

Para as ovelhas prenhes foram destinados dois piquetes divididos com cercas de arame liso, próximos ao curral, galpão de abrigo e das casas. Isto buscando facilitar na hora da realização dos manejos e acompanhamento dos animais. Em relação à alimentação, foi informado a semeadura a lanço de azevém (*Lolium*



*multiflorum*) para complementação da pastagem. Duas vezes na semana, foi complementada a alimentação com concentrado energético de milho e farelo de arroz.

O manejo diário destes animais, desde o início do período de estágio, consistiu em monitorar as condições físicas das ovelhas e o comportamento de parto. A revisão do rebanho era feita duas vezes ao dia, uma na parte da manhã e outra no final do dia. Caso fosse observado durante a revisão do rebanho a necessidade, era feita a tosquia higiênica na região do períneo e do úbere com tesoura a martelo, visando facilitar o parto e a amamentação.

Cada ovelha que parisse era transferida juntamente com seu cordeirinho para o outro piquete reservado apenas para as ovelhas que já estavam amamentando. Este piquete estava vazio, sem nenhuma carga animal, justamente para garantir maior oferta de alimento. Além disso, neste local encontra-se o curral e um galpão, possibilitando abrigar os animais em dias de condições climáticas desfavoráveis.

### **5.1.2. Manejos pós parto e cuidado com cordeiros recém nascidos**

Durante o período de parição a revisão dos rebanhos passou a ser feita quatro vezes ao dia, sendo uma na parte da manhã, outra ao meio dia, uma no final da tarde e a última durante a noite. No entanto, conforme a movimentação dos maremanos (*Canis familiaris*), que se tratam de dois cachorros de pelagem branca que ficam mimetizados entre as ovelhas para protegê-las durante a noite contra os zorros (*Lycalopex gymnocercus*) e durante o dia contra os chamados corvos (*Corvus corax*), mais revisões eram realizadas.

Durante a permanência na propriedade, apenas um parto necessitou de interferência, pois estava nítida a condição de distocia, que pode levar tanto o cordeiro como a ovelha a óbito. A necessidade da intervenção foi observada e constatada a partir do comportamento do animal que se encontrava agitado e com a metade do cordeiro para fora da região vaginal.

Depois do parto, todos os cordeiros que as ovelhas já haviam secado, ou seja, que aparentavam já ter algumas horas de nascimento e que haviam sido amparados por suas mães, eram atendidos. Foram verificadas as condições físicas do animal e realizada a desinfecção do umbigo com uma solução de iodo a 2% para evitar infecções bacterianas.

Como vinha ocorrendo um número expressivo de partos gemelares no rebanho, 22 partos gemelares das 86 ovelhas prenhas, a cada ovelha que paria era anotado o número do brinco de identificação e quantos cordeiros ela havia parido, a fim de manter um controle do número de recém nascidos e dos possíveis abandonos ou trocas pelas ovelhas. Assim, para os casos de parto gemelar, era realizada uma marcação de identificação temporária com bastão de giz colorido, tanto na mãe como nos filhotes. Para evitar confusões devido a limitação de apenas três cores, as marcações eram feitas com diferentes símbolos e em locais diferentes em cada animal.

A cada revisão era observado o número de partos até o momento. Os cuidados rotineiros se diferenciavam para os cordeiros saudáveis e aqueles mais magros e pequenos em relação aos outros, que não estavam mamando ou que pareciam estar encarangados ou, segundo termos técnicos, os cordeiros hipotérmicos.

Em relação aos cordeiros mais fracos era observado se havia ocorrido a ingestão de colostro, se não, o mesmo era ofertado através de uma seringa de 60 ml. Estes também recebiam uma identificação e seguiam sendo monitorados. Alguns deles receberam aleitamento complementar com leite de vaca com auxílio de uma mamadeira (Figura 2). Para Vera, ofertar o leite duas vezes no dia, uma na parte da manhã e outra no final da tarde, possibilita uma maior segurança de que o animal conseguiria suportar as temperaturas baixas à noite e se desenvolver melhor para acompanhar a mãe.

Figura 2 - Oferta de aleitamento complementar para cordeiros fracos e rejeitados pelas ovelhas.



Fonte: a autora.

### 5.1.3 Manejo dos cordeiros e capões

Em poteiros mais afastados das casas permaneciam noventa e seis animais, entre eles cordeiros e capões já em fase de terminação para comercialização e/ou para o abate para consumo próprio. A revisão destes animais era feita dia sim, dia não. Estes poteiros eram compartilhados entre ovinos e caprinos. Assim, sempre que era feita a revisão dos ovinos, também era feita a revisão das cabras. Detectado que algum animal estava desaparecido, imediatamente saía-se a “recolutar”, fazer a recoluta se trata de procurar, buscar o animal desgarrado. Visto que, geralmente, o animal se perde por estar machucado, com problemas nos cascos ou com sinais de diarreia e, portanto, precisando de atenção para recuperar suas condições físicas.

Com estes animais as atividades rotineiras consistiam em avaliar a condição corporal para identificar o ganho ou perda de peso, a condição dos cascos e casos de bicheira e outras doenças. A avaliação corporal era realizada seguindo as recomendações gerais, apalpando os animais entre a região da última costela e o quadril, percebendo a cobertura de músculos e gordura no local.

## 5.2 Outros manejos animais

O rebanho de caprinos era de quarenta e seis animais laneiros da raça crespa. No entanto, a lã não era comercializada. Como descrito anteriormente, a

revisão das cabras era feita dia sim, dia não. Estes animais são criados na propriedade para mais de um propósito: o autoconsumo familiar e a possibilidade de comercialização da carne durante todo o ano para consumidores específicos.

Estes animais também eram mantidos em sistema extensivo em campo nativo. A cada revisão destes animais, era ofertada alimentação nos cochos, pois conforme relatado pela produtora, as cabras são animais que não respeitam cercas e recorrentemente estão pastando nos campos dos vizinhos, disputando alimento no cocho de outros animais. Por conta disso, mantendo uma rotina de alimentação próxima às casas, esses animais não necessitam ir para outros lugares buscar alimento, permanecendo nos respectivos campos em que foram colocados. Durante a realização das atividades, era possível perceber que, quando havia atrasos para o início da revisão, muitas delas já se direcionavam para próximo ao curral esperando a oferta de alimento, constatando-se a sociabilidade e facilidade para o manejo que estes animais apresentam.

Algumas cabras estavam prenhes, mas não foi informado quais os manejos haviam sido feitos durante o período de pré acasalamento e nenhuma pariu durante a estadia na propriedade. Foi relatado que os partos ocorreram no período previsto e se deram de forma tranquila. No entanto, após o retorno para outro período de atividades presenciais, dois filhotes foram rejeitados pelas suas mães, necessitando serem alimentados com leite de vaca ao longo do dia com auxílio de uma mamadeira.

Já em relação ao rebanho bovino, foi possível acompanhar apenas dois manejos realizados, visto que o grupo de empregados foi dividido em duas duplas de trabalho. A estagiária e a proprietária Vera ficaram responsáveis por atender as demandas das ovelhas e cordeiros recém nascidos, aves, suínos e cabras, e a outra dupla ficou encarregada de manejar o gado, fazer os alambrados, debulhar e armazenar o milho produzido na propriedade, além de outras atividades que foram demandadas. Assim, as tarefas em relação ao manejo do gado consistiram apenas em revisar o rebanho duas vezes e transferir os terneiros para outro piquete de pastagem cultivada com azevém. As vacas prenhes ficavam em campo nativo.

Nas atividades voltadas para criação de suínos e aves, as tarefas rotineiras realizadas eram a oferta de alimento e de água duas vezes ao dia, uma na parte da manhã e outra no final da tarde, além da limpeza dos chiqueiros e galinheiros. Todo o dejetos era recolhido e despejado em uma parcela de campo que ficava nos fundos

da casa. Ali, esse material era coberto por palha seca de milho e depois de curtido, utilizado como composto orgânico para preparo de canteiros na horta.

### **5.3 Artesanato em lã**

Para encilhar os cavalos e sair a camperear ou agasalhar-se é necessário ter em mãos um pala e um xergão. Todos feitos em lã, “lã de ovelha” como é comum se ouvir. Objetos que fazem parte da vida cotidiana e que nos remetem ao trabalho de mulheres, cujos conhecimentos e habilidades produzem da ovelha aos tecidos.

Serão descritos o acompanhamento dos relatos e das atividades realizadas junto às artesãs, bem como as contribuições da assistência técnica em prol da progressão destas atividades e a introdução de inovações.

#### **5.3.1 Dona Clair: da esquila ao tear**

Dona Clair, associada a AGrUPa, conheceu o artesanato em lã ainda pequena. Sua avó foi quem lhe ensinou a lida da esquila, do fiar e da tecelagem. O objetivo maior antes não era tanto comercializar, mas abastecer as necessidades das casas. Hoje em dia, seu objetivo divide-se entre comercializar, atender as demandas da família e compartilhar com quem tem apreço e interesse os saberes que lhe foram ensinados e que desenvolveu ao longo da sua trajetória.

Atualmente, Dona Clair Schneid se dedica ao “Atelier Pampalãs”, onde o processo de lavagem, cardagem, fios, tecidos e feltros é todo artesanal. Ela conta com a ajuda da filha Débora, também artesã e pecuarista, e de seu marido eventualmente.

A matéria prima é oriunda dos rebanhos de ovinos da raça corriedale criados na estância da família, na comunidade das Palmas. Débora - que é veterinária - é quem administra a estância e conta com o apoio de seus pais para realização das atividades. Dona Clair desde criança criava ovelhas e dominava os ofícios da lida campeira. Elas relatam que antes mesmo da ovelha ser esquilada, já é discutido que peça poderá ser feita com aquela lã que será obtida, dada as características que ela apresenta. O que representa uma interpretação das características da lã, como a ‘micra’ (a espessura da fibra), comprimento e resistência da mecha, que são características comerciais importantes na criação de rebanhos laneiros, a partir de quem trabalha manualmente com esse material.

No Atelier Pampalãs foi possível participar das etapas posteriores à esquila. Os velos de lã, que são o produto da esquila, quando chegam às mãos da artesã, são lavados, para retirada da gordura natural e das sujeiras que ficam aderidas ao animal. A lavagem foi feita a mão para não danificar a matéria prima. Foram utilizados água quente e sabão feito pela própria Dona Clair.

A próxima etapa compreendeu a abertura da lã, quando os velos são desfiados para, depois, iniciar a cardagem, quando a lã é separada por uma escova de aço e transformada em mechas. Para a obtenção do fio, as mechas de lã passam pela roca, e para todas as artesãs com quem se manteve contato, o fiar é um trabalho minucioso, que requer habilidades para dar uniformidade além de controlar a espessura do fio. E nesta etapa chama atenção as invenções tecnológicas desenvolvidas pela própria artesã para facilitar a realização do trabalho.

Como Dona Clair possui alguns problemas de saúde, o movimento repetitivo do pedal na roca e na carda acabam agravando sua condição. Por isso, ela automatizou seus instrumentos de trabalho, acoplando um motor de uma lavadora de roupas antiga à troca e construiu, com a ajuda de seu marido, uma cardadeira a motor (Figura 3). Com este feito ela diminuiu o tempo demandado para fiação e a produção das mechas, além de também melhorar as condições ergonômicas de trabalho. Para a artesã processos como este fazem parte do trabalho artesanal, pois estão relacionados ao processo criativo e à percepção das necessidades e demandas que surgem a cada trabalho.

Figura 3 - Motor acoplado à roca e ao fundo uma cardadeira elétrica. Bagé/RS, 2021.



Fonte: a autora

Os novelos confeccionados por Dona Clair e a filha são comercializados e também transformados em tecidos mediante distintas técnicas. A artesã utiliza de diferentes teares, como tear primitivo (de parede), o tear de pente liso e o tear de prego. Ela relata que algumas das peças que já confeccionou levaram até quatrocentas horas de trabalho.

Uma característica especial das peças tecidas por Clair é o tingimento natural com algumas plantas nativas. A lista de plantas utilizadas é extensa e compreende, por exemplo, a raiz de São João (*Hypericum perforatum*), a casca da araucária (*Araucaria angustifolia*), o caroço de abacate (*Persea americana*), a barba de pau (*Tillandsia usneoides*), a vassoura (*Baccharis dracunculifolia*), a carqueja (*Baccharis crispa*), a casca de cebola (*Allium cepa*), além da folha do eucalipto (*Eucalyptus globulus*), a casca da coronilha (*Scutia buxifolia*), o cambuí (*Myrciaria tenella*), a casca da figueira (*Ficus cestriifolia*) e a marcela (*Achyrocline satureioides*). A partir do tingimento com esses materiais ela consegue vários tons de verde, amarelo, laranja, rosa e vermelho, além do branco, marrom e preto que se obtém pela coloração natural das diferentes lãs. Algumas das plantas já eram utilizadas pela sua mãe e avó, outras foram sendo conhecidas através da troca com outras artesãs e a partir de experimentações feitas por ela mesma. Os novelos, ou seja, o fio de lã, são colocados em panelas para ferver junto com folhas, raízes ou cascas



das plantas, resultando em colorações singulares, cujos tempos de fervura são controlados para entregar os tons desejados (Figura 4).

Figura 4 - Processo de tingimento natural com plantas e cascas nativas, Bagé/RS, 2021.



Fonte: a autora

Durante o estágio foi possível prestigiar e também contribuir com algumas atividades da 3ª Edição da exposição: “Pelos Mãos do Pampa”, que ocorreu em julho de 2021 no município de Bagé. Na exposição, além de participar das tratativas que levaram à organização e participação das artesãs, foi possível vivenciar uma oficina de feltragem molhada, ministrada por Dona Clair (Figura 5). Esta é uma técnica antiga, que requer pouco investimento e que consiste em entrelaçar as fibras de lã com o auxílio de água morna, sabão e um pouco de fricção, podendo fazer uso de agulhas apenas para aplicação de enfeites e outros tipos de acabamentos. A artesã confecciona peças como sapatos, chapéus, meias e luvas sem fazer uso de nenhum tipo de costura.



Figura 5 - Oficina de feltragem ministrada pela artesã Clair Schneid, Bagé/RS, 2021.



Fonte: Vera Collares

### **5.3. 2 Processos de cooperação: da valorização da lã ao fortalecimento da cadeia produtiva de ovinos**

Durante a exposição também foi possível acompanhar atividades que envolveram a presidente da AGrUPa, a Vera Collares. É assim que houve o seguimento de reuniões com representantes da Associação Pampa Gaúcho de Turismo (APATUR), Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural ASCAR, Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Emater/RS), Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco), Federação das Cooperativas de Lã do Brasil (Fecolã), Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC) e representantes da Prefeitura Municipal de Bagé. São espaços de diálogo e articulação em cima de estratégias, considerando a aptidão da região do Pampa e esforços das entidades mencionadas acima, para difusão da matéria-prima lã e sua cultura como parte da sociobiodiversidade do Pampa, do rural para o urbano.

Nestas atividades, foi possível acompanhar as articulações e debates que se referem às estratégias de ação que estão sendo traçadas com vistas ao desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local da lã no Rio Grande do Sul (APL da lã), como novos canais de comercialização (cadeias curtas, feiras, centros de exposição, entre outros), o fortalecimento do turismo rural, cultural e de base comunitária, além da capacitação de criadores de ovinos através do acesso a novas tecnologias em relação à manutenção de pastagens, controle de doenças e qualidade da carne e lã.

Durante a exposição, também foi possível conhecer outras artesãs que não são associadas à AGrUPa, mas que estão contribuindo e sendo beneficiadas pelas ações em prol da valorização do artesanato em lã, como a Dona Nilva, do município de Candiota, Dona Andréia Madruga, artesã e dona da marca Fio Farroupilha, do município de Piratini, e Dona Sandra Rufino, artesã-pecuarista e também representante comercial da COTEGAL, do município de Dom Pedrito, uma cooperativa de fibras e velos de lã.

#### **5. 4 Outras atividades**

Algumas atividades também foram realizadas durante o período de realização do estágio. Por exemplo, acompanhou-se a pecuarista e atual presidente da AGrUPa, com contribuição para elaboração de ofícios para serem encaminhados à Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural do município de Bagé, solicitando manutenções nas estradas da comunidade e a adequação dos maquinários agrícolas concedidos à Associação a partir de emendas públicas. Esta atividade pode ser entendida como parte da atuação política da Associação, cuja representatividade vem sendo reconhecida localmente.

Foi realizada visita à propriedade de alguns associados, adotando todas as medidas de segurança contra COVID-19 repassadas naquela época. Estas visitas visavam levantar as demandas dos associados, informar sobre cursos, reuniões e ofertas de comercialização de produtos, principalmente para aqueles associados já com idade avançada e que não conseguiam acompanhar as informações através de meios eletrônicos.

Outra atividade realizada foi a contribuição na escrita de um projeto para captação de recursos financeiros. O projeto consistia na oferta de oficinas e capacitações sobre o artesanato em lã, produção e manejo de ovinos e pastagens nativas. O projeto foi aprovado e a Associação já se prepara para o retorno das atividades de capacitação presencial para o próximo ano.

Por fim, a AGrUPa mantém articulações com diferentes universidades, e durante o período de realização do estágio também foi possível contribuir para a produção de um documentário vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, que busca mostrar como se sucedem as etapas da produção artesanal de peças de lã, apontando como as mulheres envolvidas com essas atividades criam espaços vitais para si e para outras mulheres na região do

Alto Camaquã. O documentário, que está em fase de finalização, é parte de atividades de pesquisa do projeto “Cooperação, Criatividade e Sociobiodiversidade: uma questão de gênero” (Chamada CNPq/SESCOOP Nº 007/2018), em cujo desenvolvimento foi possível trabalhar na qualidade de bolsista de iniciação científica. A pesquisa trabalha na perspectiva da constituição de territórios de cooperação em diferentes biomas brasileiros como, no caso, o território da lã no Pampa, que é parte do conjunto do trabalho.

## **6 DISCUSSÃO**

O manejo animal realizado na propriedade vai ao encontro de práticas recomendadas por técnicos e pesquisadores da área. A pecuarista salientou, em muitos momentos, que a capacitação constante reflete em resultados positivos, tanto para os ganhos econômicos como para manutenção dos campos. E, por isso, sempre promove através da AGrUPa cursos e oficinas com médicos veterinários e outros profissionais ligados à Associação e outras entidades, como EMATER e EMBRAPA Pecuária Sul.

Fica visível, partindo das vivências, que a prática da observação por parte das pecuaristas-artesãs é apurada. Mesmo de longe, a Vera conseguia notar uma ovelha caminhando mais devagar que o restante, um cordeirinho com sinais de fraqueza ou um animal mais afastado do rebanho. Esta lida era feita a pé, visto que para “campeirar” as ovelhas é preciso agilidade, “entrar no meio dos mato” (vegetação mais alta), subir em terrenos com afloramento de rochas, e isto é difícil de fazer a cavalo. Todos os cuidados eram tomados a fim de não necessitar separar os cordeiros de suas respectivas mães, pois para a pecuarista os animais se cuidam entre si, inclusive têm formas de tratar ferimentos e enfermidades, e a constante interferência humana acaba inibindo o instinto animal. E, de fato, foi possível observar que, apenas garantindo os cuidados básicos e necessários, os cordeiros apresentaram bom desenvolvimento.

Quanto aos índices zootécnicos, após o período de parição foram contabilizados 108 nascimentos, mas, infelizmente, ocorreram 6 mortes. Considerando, assim, uma taxa de mortalidade, entre o primeiro parto e o último, de 5,5%. As possíveis causas foram relacionadas ao baixo peso vivo ao nascer, pois as mortes foram de cordeiros nascidos de partos gemelares, que apresentavam

diferença no tamanho e peso um para o outro, e às baixas temperaturas que marcavam na época.

Na Estância Cordilheira, não é adotado a esquila pré parto pois, segundo a pecuarista, são poucos que a fazem, o que implica em pouco produto a ser comercializado, inviabilizando a comercialização neste período. Outro fator é a insegurança em relação às condições climáticas, visto que, no ano de 2019, em meados de outubro, ocorreram dias de baixa temperatura e muitos animais vieram a falecer por hipotermia

No que se refere à lã crua, é possível constatar que há desafios em relação à reestruturação do setor, visto que a lã de ovelha perdeu muito do seu lugar no mercado mundial na medida em que os tecidos sintéticos chegaram às pessoas a preços mais baixos. Processo este que iniciou na década de 1980, quando intensificou-se o processo de substituição da lã de ovelha pelas fibras sintéticas na indústria têxtil. No entanto, a partir do que pode ser acompanhado durante este período de atividades junto à AGrUPa, através dos relatos de artesãs-pecuaristas, bem como dos profissionais ligados a Instituições de Extensão Rural e Assistência Técnica, a lã vem ganhando novamente visibilidade como produto sustentável, singular e relacionado às localidades e, em parte, esse 'redescobrimto' da lã se deve às potencialidades do artesanato. Porém, é um processo ainda tímido que vive dificuldades em função da falta de políticas públicas para o setor. Neste sentido, o desenvolvimento do projeto do APL da lã, pode ser um sinal interessante de articulação e organização local, ainda que, obviamente, não resolva todas as dificuldades.

Das vivências que foram possibilitadas durante este período, é importante o reconhecimento da potência de um conjunto de associações humanas e não-humanas que movem processos de cooperação entre as artesãs-pecuaristas, as ovelhas, os cachorros, os cavalos, plantas nativas, campos e 'capões de mato', além de rocas, teares e outras materialidades que compõem seus mundos e modos de vida - a valorização de todos os elementos que compõem a vida nas localidades é uma aspecto que ajuda a dar visibilidade ao território (ARCE e CHARÃO-MARQUES, 2021). Destas associações, a que se estabelece entre artesãs - pecuaristas, extensionistas rurais e outros sujeitos ligados de certa forma a cadeia produtiva da lã, tem resultado na elaboração de estratégias de ação que não

visam apenas questões econômicas, mas sociais e ambientais. Isto a partir de outras perspectivas e novas inovações.

A partir da organização dos pecuaristas junto à associação, muitos pontos relevantes, que dizem respeito ao território, à sociobiodiversidade, ao reconhecimento de quem ocupa esses espaços, aos conhecimentos que mantém e às demandas em relação à produção agropecuária, puderam ser levadas a instituições gestoras que desconheciam a realidade as preocupações e as propostas de ações que estavam sendo construídas. Hoje, a AGrUPa possui atuação junto à Associação de Desenvolvimento do Alto Camaquã, ADAC, à Associação Brasileira de Criadores de Ovinos, a Arco, Emater e também conta com associados compondo a diretoria da Cooperativa do Alto Camaquã. E uma das reivindicações da Associação junto a estas entidades é a de que apoiem projetos de interesse dos produtores, como, por exemplo, a garantia de comercialização, tanto para carne como para lã, além de cursos e formações que busquem conciliar o manejo sustentável da produção dos rebanhos. Muitos produtores relataram que o/a pecuarista gasta periodicamente e, no final, não tem mercado para vender. “Ninguém garante venda justa, tu vai preferir vender por conta”, relatou uma pecuarista em tal ocasião.

Em reunião com extensionistas da EMATER, foi possível compreender um pouco mais a contribuição da extensão rural para estas ações que estão em curso. Tanto pecuaristas, artesãs e extensionistas relatam que as contribuições têm sido no sentido do auxílio à precificação das peças em lã e de outros produtos produzidos nas propriedades. Também, têm sido relevantes as ações que levam a pensar em como promover a diversificação dos produtos em lã, comercializando não apenas as peças já prontas, mas os fios tingidos naturalmente com plantas e raízes, e até mesmo a lã cardada. Outra contribuição importante na relação que se estabelece entre as extensionistas rurais (note-se que estas também são mulheres) e as artesãs-pecuaristas é a busca de recursos, por exemplo, através de políticas públicas, para fomentar a capacitação em relação à produção de ovinos. Outra linha de ação se orienta pela valorização das potencialidades e características da lã, isto gera, por exemplo, atividades que desencadeiam a organização das edições do Concurso Virtual de Artesanato em Lã Ovina, que têm servido para divulgação do trabalho de artesãs de todas as regionais de atuação da Emater no Estado. Neste sentido, cabe sublinhar que a articulação e organização local das artesãs não está

isolada. Há claros movimentos no sentido de se criar oportunidades para atuações mais amplas, o que pode estar contribuindo para romper com a invisibilidade ou a pouca valorização do trabalho realizado.

Como comentado anteriormente, atualmente, Dona Clair também se dedica a ministrar oficinas e cursos para outras pessoas que têm interesse em aprender sobre o ofício do artesanato em lã. Ela é uma das artesãs que representa a AGrUPa em diversas ações e projetos voltados à lã de ovelha, como por exemplo, no projeto Museu da Lã, que busca preservar, salvaguardar e promover desenvolvimento social, cultural e econômico sustentável dos conhecimentos da lã de ovelha gaúcha a partir da atuação em duas frentes: programação anual do Museu da Lã e a estruturação do Arranjo Produtivo Local (APL) da lã no Estado. Além da sua contribuição enquanto artesã-pecuarista, desenvolve outras ações que visam difundir os conhecimentos e a importância do trabalho artesanal e da ovinocultura, como o Projeto Fio da Meada, Projeto Fio da Meada: livros infantojuvenis de educação para o patrimônio do saber-fazer da lã ovina e Projeto Fio da Meada: Oficinas, Rede Centro de Referência do Artesanato Lãs do RS e o projeto Rotas da Lã. Ações estas que remetem às estratégias de ação comentadas anteriormente.

Alguns avanços já podem ser observados a partir desta articulação, como a modificação do Fundo de Desenvolvimento da Ovinocultura (Fundovinos), feita em abril deste ano. A proposta garante que os valores do fundo sejam investidos diretamente no setor da ovinocultura e gerenciados por entidades representativas dos produtores. Além da criação do centro de referência em artesanato de lãs, cujo exemplo está sendo replicado em outras cidades - Dom Pedrito, Piratini, Candiota, Hulha Negra e São Gabriel, que fortalece ainda mais um dos segmentos mais otimistas da cadeia da lã no momento, que é o de artesanato.

Assim, embora se escute com frequência que a produção de ovinos lanados é, hoje, menos expressiva na região que em décadas passadas, o território da lã se constrói fundado na criatividade das artesãs e dos pecuaristas, gerando novas visibilidades para a produção de lã e, fundamentalmente, para as mulheres. A maior circulação de informação sobre como comercializar e valorizar os produtos e o acesso a novos mercados fazem parte destas transformações recentes.

É importante salientar que muitas destas transformações e destes processos de cooperação sócio-materiais no território partem da articulação de mulheres. Estas que enfrentam a invisibilidade e a desvalorização, mas que mantêm relações

afetivas e criativas tecidas não apenas entre humanos, mas entre animais, plantas nativas e a paisagem. Elas detêm conhecimentos desde a criação das ovelhas à técnicas de tecelagem, de tingimento natural e valorização das espécies nativas e tecem os caminhos da lã no pampa (ver Apêndice A).

A partir do contato com estas artesãs, fica evidente que a potencialidade da cooperação e da autovalorização entre elas não gera dependência ou concorrência, ao contrário, parece que vem favorecendo um processo de cooperação que amplia a visibilidade e cria novos valores para o artesanato. Além da proposição de projetos de desenvolvimento que consideram aspectos econômicos, ambientais e sociais, oferecendo um produto primário (a carne ou a lã) e secundário (peças artesanais) de maior valor agregado.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que diz respeito aos conhecimentos técnicos sobre o manejo animal, muito do que é orientado dentro dos espaços de pesquisa é adotado pela maioria dos produtores, enquanto o restante vêm sendo introduzido aos poucos. No entanto, há a necessidade de espaços de aproximação entre os pecuaristas, a Universidade e as Instituições de Pesquisa e Extensão (EMBRAPA e EMATER em especial) a fim de possibilitar a troca de experiências e a atualização de conhecimentos. Muitos resultados positivos na produção partem do domínio dos conhecimentos acerca do ajuste adequado da carga animal, controle da estrutura do pasto e da diferenciação dos hábitos de pastejo e dieta de cada animal.

Os processos de cooperação no território, estabelecidos entre as mulheres, o campo e os animais têm apresentado resultados positivos e, de certa forma, é nessa inter-relação que elas acabam se constituindo e se identificando como artesãs-pecuaristas. Na busca pela defesa dos “mundo de vida pampeanos”, as mulheres retribuem de certo modo aquilo que os animais, as pastagens, as pedras e as plantas lhes oferecem para a continuidade de seus afazeres e subsistência.

A interdisciplinaridade com que tive contato, a partir das atividades que foram propostas, exigiram que fosse necessário retomar conhecimentos desde o manejo animal, mercados agrícolas e desenvolvimento rural até conhecimentos em relação à violência de gênero e à invisibilidade do trabalho das mulheres. O que representa a realidade enfrentada por um extensionista, por exemplo, e que, inclusive, foi

relatado por profissionais ligados à EMATER. Neste sentido, a experiência adquirida com o estágio reitera a importância de que o profissional das Ciências Agrárias, em seu exercício, honre a harmonia entre seres humanos e natureza, gerando uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, A., CHARÃO-MARQUES, F. **Desenvolvimento, materialidades e o ator social: orientações metodológicas para aproximações territoriais.** Estudos Sociedade e Agricultura, v. 29, n. 1, p. 40-65, 2021.

BRASIL, RIO GRANDE DO SUL. Joal Barrientos Pontes. Coordenador da Câmara Setorial de Ovinocultura (org.). **A ovinocultura no RS nos últimos 5 anos.** Bagé, 2019. 25 slides, color. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/documents/1355035/44870340/1+-+A+ovinocultura+no+RS+nos+%C3%BAltimos+5+anos.pdf/f114fe14-1461-c7b0-0aa4-1a04ed7149e8>> Acesso em: 14 de jul de 2022.

BRASIL.Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Mulheres rurais se destacam em diferentes atividades e buscam acesso a direitos.** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/mulheres-rurais-se-destacam-em-diferentes-atividades-e-buscam-visibilidade-para-seus-direitos>> Acesso em: 27 de Agost, 2021.

BORBA, Marcos Flávio Silva (org.). Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUIL, Paulo Dabdab *et al* (org.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento.** Porto Alegre: Editora da Ufrgs,, 2016. p. 187-214.

CARVALHO, L. D.R.; ROCHA, L. J. da; CHARÃO-MARQUES, F. **Pampa da lã: Práticas territoriais e processos de cooperação sociomaterial no artesanato em lã de ovelha.** In: CHARÃO-MARQUES, F.; ARCE, A. Cooperação, Diversidade e Criatividade. Transformações Sociomateriais em Territórios Latino-Americanos. Jundiaí: Paco Editorial, 2022. (No prelo)

CARVALHO, P.C.F.; MARASCHIN, G.E.; NABINGER, C. **Potencial produtivo do campo nativo do Rio Grande do Sul.** In: PATIÑO, H.O. (Ed.). SUPLEMENTAÇÃO DE RUMINANTES EM PASTEJO, 1, Anais, Porto Alegre-RS. 1998.

IBGE, **Produção Agrícola Municipal 2020.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/panorama>> Acesso em: 16 de Jul, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 2017.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/bage.html>>. Acesso em: 3 de julho de 2022.

KOSBY, M. F.,SILVA, L. B. M.. **INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no pampa.** Revista Perspectivas Sociais. Pelotas, Ano 2, N. 1, Pg 2–14, março/2013.

KOSBY, Marília Floor.**Mulheres, vacas e partos nas pecuárias do extremo sul do Brasil: relações transespecíficas a partir do encontro entre antropologia e epistemologias feministas.** Revista Tessituras de Antropologia e Arqueologia. Pelotas/RS V7, N.1, JAN-JUN 2019.

NABINGER, C. **Campos Sulinos: manejo sustentável de um ecossistema pastoril**. In: ARAÚJO, E. DO L.; ETAL. (Eds.). . Biodiversidade, conservação e uso sustentável da Flora do Brasil. Recife: [s.n.]. p. 101–105. 2002.

NABINGER, et al., 2009. **Produção animal com base no campo nativo: aplicações de resultados de pesquisa**, in: PILLAR, V.D., MÜLLER, S.C., CASTILHOS, Z.M.S., JACQUES, A.V.A. (Eds.), Campos Sulinos: Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

OLIVEIRA, Letícia de Cássia Costa de. **Lã crua, fios da memória: Mulher, Artesanato e Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul**. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Museologia e Patrimônio, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2019.

PESSOA, M. L. (Org.). **Clima do RS**. In: \_\_\_\_\_. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/socioambiental/clima/>. >. Acesso em: 3 de julho de 2022.

RIETH, F. LIMA, D. V. **Etnografia da pecuária: o modo de vida campeiro no pampa brasileiro**. In: **Olhares sobre o Pampa: um território em disputa**/Organizadoras: Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Eliane Maria Foletto. – Porto Alegre: Evangraf, 2017.

SÁ BRITO, Andrea. ROZALINO, Luciano. SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso da. FIALHO, Marco Antônio Verardi. **A invisibilidade da mulher pampeana: subalternidade cultural e conservação da ordem social**. 2009. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILIPRANDI, E. C.; CINTRÃO, R. **As mulheres agricultoras e sua participação no PAA**. In: BUTTO, A.; DANTAS, I. Autonomia e Cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. P.153-191.

STRECK, E. V. et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. 2 ed. Porto Alegre: EMATER/RS, 2008. 108p

VARGAS, D. L. FIALHO, M. A. V.. **Aspectos de gênero e saberes no processo artesanal em lã: contexto da comunidade rural da Vila Progresso em Caçapava do Sul**. In: **Saberes artesanais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**/ Organizadores: Cesar de David e Daiane Loreto de Vargas – São Leopoldo: Oikos, 2018.

VIANA, J. G.; WAQUIL, P. D.; SPOHR, G. **Evolução histórica da ovinocultura no Rio Grande do Sul: comportamento do rebanho ovino e produção de lã de 1980 a 2007**. Extensão Rural, [S.l.],n. 20, p. 5–26, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5548>>Acesso em: 20 set. 2021.

WEITZMAN, R. **Mulheres na assistência técnica e extensão rural**”. In: BUTTO, A.; DANTAS, I. Autonomia e Cidadania: políticas de organização produtiva para as

mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. P.87-111.

APÊNDICE A – Infográfico representando as etapas do processo artesanal em lã crua acompanhadas durante o período de estágio. Fotografias feitas de julho a setembro, Bagé e Lavras do Sul/RS. Da autora.

